



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7678 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT24 - Educação e Arte

CRIANÇAS QUILOMBOLAS NO CINECLUBE AYO DE UMA CIDADE DA GRANDE JOÃO PESSOA

Valdenise Lima Pimentel Nogueira - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

Arilane Florentino Félix de Azevêdo - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

CRIANÇAS QUILOMBOLAS NO CINECLUBE AYO DE UMA CIDADE DA GRANDE JOÃO PESSOA

INTRODUÇÃO

Na escola, o cinema pode se fazer presente de diferentes formas, dentre elas, como nos apresenta Teixeira (2020, p.32) “traçando novas maneiras de ver, de olhar, de escutar, de pensar e de sentir”. No coletivo, estas experiências encontram o lugar no Cineclube. Assim, na relação cinema e educação, diferentes projetos podem surgir, a exemplo do que estamos tratando neste texto.

Este texto parte de uma pesquisa de mestrado em andamento e tem como objetivo geral, analisar as relações das crianças da Escola Ayo com um cineclube escolar e com o cinema. O desenho da metodologia da pesquisa se estrutura em torno de estudos qualitativos, realizados através do método de observação participante ao longo de todas as sessões, mediante caderno de campo, registro de fotografias, vídeos e conversas informais.

O projeto foi desenvolvido no período de 2017 a 2019 em uma escola pública municipal de Educação Básica, Anos Iniciais, aqui denominada de Escola Ayo, localizada na intersecção entre dois Quilombos, em uma cidade da grande João Pessoa.

Durante a investigação, o recorrente apelo das crianças para realização das sessões cineclubistas e o interesse em fazer parte da organização desta atividade permitiu questionar: qual a relação dessas crianças com o cineclube escolar?

Por estar inserida na temática de Educação e Cinema, a pesquisa aqui apresentada nos leva a inferir como hipótese que, ao vivenciarem um processo de reflexão coletiva sobre as obras cinematográficas, proporcionadas pelo cineclube, as quais envolvem temáticas étnico culturais e qualidade estética, as crianças

percebem que podem se auto identificar, se expressar e valorizar sua cultura.

Conforme os princípios cineclubista recriados na Escola Ayo, o cineclube é uma oportunidade de encontro, em que a vida e a imaginação ganham expressividade. Nesse lugar, as crianças sabem que podem se manifestar, falar, chorar, sorrir, refletir, provocar, se aborrecer, se encantar, silenciar, enfim, ocupar a centralidade na dinâmica escolar.

Este texto será desenvolvido e está estruturado em cinco partes, que apresentam alguns resultados da pesquisa, assim ordenadas: Introdução; Uma visão panorâmica do Cineclube do Ayo; Relações das crianças com o Cineclube e o Cinema: as sessões de exibição; Relações das crianças com o Cineclube e o Cinema: a criação de pequenas produções fílmicas. Encerrando o texto, estão as Considerações Finais, seguidas das Referências Bibliográficas.

UMA VISÃO PANORÂMICA DO CINECLUBE DO AYO

O Cineclube potencializa descobertas, percepções e relações com o meio e com os sujeitos. Mas, para que a proposta se efetive, é preciso considerar seus princípios, como ressalta Teixeira (2020, p.25): o coletivo, livre expressão e a curadoria. A autora chama atenção para o fato de que, nas sessões cineclubista, assegura-se o direito de falar e dever de escutar, as relações se estabelecem na horizontalidade, o agrupamento é espontâneo, porque é prazeroso mergulhar nesse respeitoso encontro cujo objetivo é assistir e dialogar sobre bons filmes.

Na Escola Ayo, um dos primeiros aspectos a destacar das relações das crianças com o Cineclube e com o cinema é o ineditismo dessa experiência para a garotada. Com uma agenda de funcionamento definida em diálogo com a gestão escolar, foram realizadas cinquenta e quatro sessões cineclubistas, igualmente divididas nos turnos manhã e tarde, em um período de aproximadamente 60 minutos, no pátio da escola, com a participação de mais de duzentas crianças e dez professores (as). Um conjunto de filmes nacionais e internacionais dirigidos ao público infantil, selecionados pela equipe de curadoria causou, a *priori* estranhamento, afinal, estes, fugiam aos padrões estéticos usuais e hegemônicos.

As obras cinematográficas exibidas caracterizavam-se pela originalidade, criatividade, provocação a curiosidade, discussão da realidade, respeito e valorização das diferenças étnico-culturais, qualidade estética e ausência de interesses meramente mercadológicos. Corroborando esse entendimento, Inês Teixeira (2020, p. 32), ressalta que o cinema e o audiovisual não podem reproduzir, na escola, certos padrões vigentes na vida social, como: o individualismo, a competição, a espetacularização e a banalização da vida e da cultura [...]”. Tais considerações ajudam-nos a compreender porque a seleção das películas na Escola Ayo fugiu do padrão imposto pelo mercado cinematográfico.

Depois das temáticas escolhidas pelos estudantes e professores, a curadoria dos filmes era feita pela coordenadora da escola e cineastas responsáveis pelo projeto, tendo como critérios de escolha: autorização para distribuição gratuita, compromisso com a ética, observância as normas do ordenamento jurídico brasileiro de proteção à criança e ao adolescente.

As sessões aconteciam uma vez por mês. A programação consistia em: boas vindas; definição de acordos para promover a participação de todos/as (silêncio durante a exibição dos filmes, respeito a fala do outro durante diálogo após exibição dos filmes, entre outros). Em seguida, a exibição de no máximo três filmes com duração em média 15 minutos cada e, posterior conversa sobre os mesmos mediadas pela coordenadora pedagógica ou pelo casal de cineastas.

O ambiente era preparado cuidadosamente e com antecedência pelos mediadores do projeto. Colchonetes disponibilizados no chão, logo após a mesa de equipamentos técnicos (datashow da escola e Notebook dos organizadores), além de cadeiras plásticas brancas e bancos de madeira usados para acomodação dos (as) espectadores (as) também compunham o espaço.

A escola fez parceria com os (as) educadores (as) do projeto para que a ausência de equipamentos, como notebook, não impedisse a realização do trabalho. Conforme Teixeira, Manso e Nogueira (2020, p.308), limitações dessa natureza também foram observadas em outras escolas públicas de Educação Básica no Brasil, em virtude de políticas educacionais que reproduzem uma situação em que escolas com infraestrutura mais pobre são destinadas às populações mais carentes, reproduzindo as históricas desigualdades sociais escolares no Brasil.

Figura 1 – Cineclube na Escola Ayo.



Fonte: arquivo da escola, 2017.

Como uma síntese, as imagens^[1] acima apresentam uma das principais características do Cineclube Ayo, que pode ser resumida nas palavras encontro, proximidade, horizontalidade construída entre o grupo de crianças na companhia de seus pares e professores(as) em cada uma das sessões na escola.

RELAÇÕES DAS CRIANÇAS COM O CINECLUBE E O CINEMA: SESSÕES DE EXIBIÇÃO

Na busca pela compreensão das relações das crianças com o Cineclube do Ayo, em especial, com os filmes exibidos é que se trata, em um primeiro aspecto, de uma relação movida pela espontaneidade, caracterizando a liberdade.

As crianças se mostraram muito à vontade e falaram sobre o que era exibido muito facilmente. Durante a exibição de um vídeo de curta metragem de gênero suspense infantil “A biblioteca” (Direção de Jully Mokarzel, Brasil, 2017) produzido

pela Escola Municipal Centro de Educação Agostinho Páttaro^[2], as crianças comentaram, conforme registros de caderno de campo:

- Eu senti medo quando o livro se balançou na estante da biblioteca. (criança do 2º ano fundamental)
- Bota de novo!! (criança da educação infantil)
- A música era pra gente sentir medo, nera? (criança do 3º ano)
- Eu gostei quando as fada solta (sic) as crianças que tava presa. (criança do 1º ano)
- Eu queria matar aquela bruxa malvada. (criança 1º ano)
- Eu senti medo de nada. (criança do 5º ano)
- Eu gostei de tudo. (criança do 4º ano)

Estas falas permitem observar outros aspectos característicos das relações das crianças com aqueles filmes do cineclube. Nelas, estão as emoções, os sentimentos, o total envolvimento com as cenas, os personagens, os enredos. Com as imagens que se tornam vivas. Nelas, estão o prazer de quem *gostou de tudo*. Nelas, estão processos de identificação com personagens e enredos, porque a *fada soltou a criação*. Nelas, estão uma sensível relação com o filme ao sentira *música para sentir medo*. Nelas, estão a imaginação que transforma imagens e histórias em acontecimentos de verdade, como no *medo provocado pelo livro que balançou na estante*. Nessas relações estão um contentamento pela experiência onírica do cinema que é possível inferir quando a criança diz: *Bota de novo!!!* Em resumo, estas falas indicam que as relações daquelas crianças com os filmes, com os vídeos é de forte envolvimento e de afetação, impulsionadas pela imaginação em movimento em seus encontros com as imagens, também em movimento. Mesmo estando ali, assentadinhas^[3], as crianças voam!!!

A participação das crianças na Escola Ayo é também indicativa de suas relações com aquele projeto. Quanto a isso, é possível pensar que a ausência de cobranças de conteúdos específicos, a oferta de disponibilidade de tempo destinado e o diálogo tenham motivado essa participação. Contudo, convém ressaltar que este diálogo não aconteceu sem que houvesse pequenos conflitos. Parar e ouvir é um desafio não só para as crianças, afinal, exige amadurecimento.

Ao observarmos o comportamento das crianças, podemos constatar que elas, ao lado de seus/suas colegas, sentem-se encorajadas a desenvolver suas capacidades de comunicação, ampliam seu vocabulário à medida que exercitam a oralidade vivenciando leituras, experiências e sentimentos. Nesse sentido, a escola pode proporcionar diferentes estratégias de aprendizagem para desenvolver esse potencial comunicativo, inclusive com atividades fora do ambiente institucional, conforme veremos a seguir.

A participação em um coletivo que vê e conversa sobre os filmes é um outro aspecto que marca as relações das crianças com o Cineclube. Uma participação de que se gosta e na qual há liberdade para falar. Uma participação que é partilha, pois os encontros com o outro, são basilares na tradição cineclubista, na qual se assiste

aos filmes junto, nunca isoladamente. Esta experiência nos leva ao diálogo com o pensador indígena Ailton Krenak quando ele afirma “Vamos aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos” (2019, p.15). A experiência com o cinema pode ser esse paraquedas colorido.

Além das sessões na escola, em 2017, o Cineclube do Ayo levou as crianças para assistirem a filmes do Projeto Cine Recreio, realizado no Cine Bangüê, no Espaço Cultural em João Pessoa (foto abaixo). O objetivo dessa atividade foi oferecer-lhes a oportunidade de irem a uma sala de cinema, o que muitas delas não conheciam.

Figura 2 – Cineclube da Escola Ayo no Cine Bangüê



Fonte: arquivo da escola, 2017.

Durante a exibição dos filmes, naquela tarde no cine Banguê, as crianças sorriam, conversavam com seus pares sobre os personagens e acontecimentos. Algumas se levantavam para dançar no meio do grupo, durante as cenas que envolviam músicas, batiam palmas, embora, em outros momentos, o silêncio se apresentasse como uma quietude tão intensa que o menor ruído provocava irritação. Logo se ouvia Psiuu!!!!!!

O comportamento das crianças, descrito acima, é revelador de que ao viver com intensidade suas experiências, a criança situa-se no presente, não como ser passivo, mas como indivíduo que age e reage, percebe seu entorno, dialoga com ele, apropria-se e produz saberes, reconhece o outro e a si, nesse processo, produz cultura.

Perceber as diversas manifestações das crianças ao contato com o novo e de como elas vão ressignificar tal contato ao produzirem suas próprias películas, nos leva, novamente, ao diálogo com Krenak (2019), quando ele diz que cada um de nós somos diferentes, assim como as constelações e, que maravilha é pertencer a esta diferença.

Historicamente, o cineclube nasce com essa proposta, ser um espaço de

diálogo, socialização, congregação de pessoas que, apaixonadas pelo cinema, não se limitavam ao mero consumo, à manipulação das emoções, à submissão aos apelos da dominação cultural.

O cineclube se propõe a ser um espaço de desenvolvimento do senso crítico, a sensibilidade estética, além de fomentar compreensão de pertencimento. Afinal, é sustentado pelo diálogo com tudo e todos (as).

RELAÇÕES DAS CRIANÇAS COM O CINECLUBE E O CINEMA: CRIAÇÃO DE PEQUENAS PRODUÇÕES FÍLMICAS

No atual contexto, com o crescente investimento na área de novas tecnologias, a possibilidade de produção de narrativas com o uso dos celulares, tablets, computadores, máquina fotográfica portátil e outros equipamentos, permitiu que o espectador (a), não apenas acesse obras, mas torne-se autor (a) de narrativas a serem também compartilhadas em sessões cineclubistas.

Para além destas sessões cineclubista, o projeto inovou em relação à história dos cineclubes, pois foram realizadas pequenas produções fílmicas pelas próprias crianças da escola, como veremos na seção que segue.

Guardadas as devidas proporções da qualidade técnica, as produções audiovisuais das crianças, na Escola Ayo, potencializam a relação cinema e educação, apresentando-nos um outro cineclube. Agora, não apenas assistindo ao que foi produzido, mas também elaborando e assistindo suas produções.

No projeto de cinema na Escola Ayo, além da implantação do cineclube, foram desenvolvidas atividades com as crianças em ateliers de criação cinematográfica mediadas pela cineasta Fernanda^[4] e pelo cineasta Pedro.

Os exercícios contemplaram atividades de sensibilização, estruturação do percurso criativo e realização das produções audiovisuais, tais exercícios culminaram com a produção de sete vídeos^[5] elaborados em forma de documentário com temáticas escolhidas pelas crianças e professores.

As elaborações audiovisuais das crianças abordaram diferentes aspectos da cultura local e do cotidiano delas, a saber: valorização dos saberes e fazeres dos mais idosos, brincadeiras populares, musicalidade, o artesanato feito a partir do barro e mutirão no roçado. Estas narrativas nos remetem, mais uma vez, às reflexões de Krenark (2019), ao propor que se pudermos contar mais uma história, estaremos adiando o fim do mundo. Sua sabedoria advoga que é na cultura que a vida se sustenta.

Figura 3 – Ateliê no quilombo



Fonte: arquivo da escola, 2017.

As cenas nos aproximam da identidade das crianças e seu pertencimento étnico-racial, chamam atenção para importância do respeito à diversidade cultural, entendo que a cultura é dinâmica, é viva, é criada, na perspectiva antropológica. Assim, ao elaborarem a produção audiovisual narrando a história de seu povo, as crianças produzem cultura infantil e, alimentando-se de suas raízes históricas, conseguem com seu ato criativo atualizá-las.

As crianças parecem identificar-se com o cinema que respeita sua alteridade, protagonismo e singularidade. Ver sua imagem na tela, reconhecer seus pares, apontar registros de imagens de sua autoria, a exemplo desse pequeno diálogo, entre duas crianças[6] do 5º ano, que revelam a alegria e o prazer de verem suas filmagens projetadas. Marcos fala para Pedro: Um fala com o outro: revela-se como prazerosa experiência.

Marcos: Essa filmagem em cima da árvore foi eu que fiz!!!

Pedro: Ah, mais a cara de todo mundo foi eu, Marcos!!!

A fala dessas crianças nos faz ver a importância que sentem com suas criações visuais, com suas autorias. Como se fossem pequenos cineastas revelando seu potencial criativo, estético e sensível ao fazerem suas imagens.

Por fim, esperamos que o encontro do Cinema e Educação seja cada vez mais fecundo e nos ensine, no cotidiano, a ler nossas histórias em suas obras, protagonizando nessas leituras um novo mundo, capaz de acolher a todos indistintamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensarmos uma aproximação entre a escola e o cineclubes, pensamos em

um certo tipo de cinematografia, o cinema de criação, na expressão de Bergala (2008). E estamos pensando em uma escola generosa, na expressão de Larrosa (apud FRESQUET, 2017), que acolhe a toda a gente. Conforme Gusmão e Teixeira (2012, p. 74), “uma escola como um espaço e um tempo de direitos, de cultura, de significativas experiências humanas”. Uma escola freiriana.

Essas ideias e possibilidades nos conduzem, também, a Alicia Vega^[7], em seus *Talleres* de cinema com crianças pobres, das periferias de Santiago do Chile. O que nos pode dizer sobre as relações daquelas crianças com o cinema e o Cineclube? O que se passou no Cineclube do Ayo que se aproxima das ideias e saberes criados por Alicia em seus *Talleres*? De um lado, conforme Alicia citada por Azevedo e Dias (2019, p.207), “O *Taller de Cine para Niños* era um mundo encantado para onde a meninada deslocava-se. Iam para diferentes lugares, embora seus pés estivessem cravados no chão”. De outro, assim como Alicia dizia que os *Talleres de Cine* eram momentos em que as crianças poderiam brincar, divertir-se, fruir, ao invés de ficarem em casa com seus trabalhos de cuidar dos irmãos, o Cineclube do Ayo pode representar o mesmo: um lugar de ser criança, por inteiro: brincar, divertir-se, inventar, fabular.

Nesse sentido, em suas vivências e relações com o cinema e o Cineclube do Ayo, as crianças talvez possam ter vivido momentos de alegria e realizado seus direitos a um tempo de infância. Como um repouso para as dificuldades de suas vidas, vividas em condições históricas de pobreza e inclusão subalterna, vindas de sua ancestralidade afro-brasileira.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, Verônica Pacheco de Oliveira; DIAS, Marília Sousa Andrade. Alicia Vega: *Taller de Cine para Niños* nos labirintos do tempo. **Revista Maracanan**. n. 22, p. 197-211, set./dez. 2019.

FRESQUET, Adriana Mabel; MIGLIORIN, Cezar. Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a Lei 13.006/14. In: FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação: a lei 13.006 – Reflexões, perspectivas e propostas**. Belo Horizonte: Universo Produção, 2015.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares. **Infantil: entre a anterioridade e a alteridade**. Educ. Real, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 547-567, maio/ago. 2011. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade. Acesso em: 15 jul. 2020.

GUSMÃO, Milene Silveira. O desenvolvimento do cinema: algumas considerações sobre o papel dos Cineclubes para formação cultural. **IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, 28 a 30 de maio de 2008 Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia.

Migliorin, Cezar. PIPANO, Isaac. **Cinema de Brincar**. Belo Horizonte. MG. Relicário. 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideais para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, São Paulo. 2019.

Teixeira, Inês Assunção de Castro. Quando a escola abraça o cineclube. **Revista Presença Pedagógica**. V.18, n.105, mai/jun 2012.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; MANSO; Haydenée Gomes Soares; NOGUEIRA, Valdenise Lima Pimentel. CINECLUBE NA ESCOLA: reinventando o currículo. In: PEREIRA, Maria Zuleide da Costa; SÜSSEKIND, Maria Luiza; HONORATO; Rafael Ferreira de Souza. **Políticas curriculares no PNE (2014-2024) e desdobramentos (neo) conservadores: tensões, desafios e resistências**. João Pessoa: Editora UFPB, 2020, p. 297-316.

[1] Destacamos que temos em arquivo os termos de consentimento de utilização dessas fotos.

[2] CEI- Centro de Educação Infantil, escola municipal localizada em Campinas, São Paulo. Playlist das produções. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Orc9SkjxLAW&t=156s>. Acesso em 27 ago. 2020.

[3] Expressão nordestina para designar que as crianças estão acomodadas confortavelmente.

[4] Os nomes dos cineastas foram mudados para evitar identificação dos mesmos.

[5] A ausência da descrição detalhadas dessas produções audiovisuais se dar em razão do cumprimento ao critério de não identificação de sujeitos e instituições.

[6] Nomes foram trocados para preservar sua identidade.

[7] Intelectual latino-americana atuou com projetos de formação estética audiovisual de crianças pobres do Chile.